

Aqui entre nós

MÁRCIA LEITE

Ilustrador: ROGÉRIO SOUD

PRÊMIO NESTLÉ DE LITERATURA
ALTAMENTE RECOMENDÁVEL – FNLIJ

O texto ficcional desta obra é o mesmo da edição anterior

Aqui entre nós

© Márcia Leite · 1995

DIRETOR EDITORIAL · Fernando Paixão

EDITORA · Gabriela Dias

EDITOR ASSISTENTE · Fabricio Waltrick

APOIO DE REDAÇÃO · Pólen Editorial e Kelly Mayumi Ishida

COORDENADORA DE REVISÃO · Ivany Picasso Batista

REVISORA · Cátia de Almeida

ARTE

PROJETO GRÁFICO · Tecnopop

CAPA · Exata

EDIÇÃO · Cintia Maria da Silva

EDITORACÃO ELETRÔNICA · Processo de Criação e Exata

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS · RJ

L544a

8.ed.

Leite, Márcia, 1960-

Aqui entre nós / Márcia Leite ; ilustrações Rogério Soud. - 8.ed. - São Paulo : Ática, 2011.

112p. : il. - (Sinal Aberto)

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-14676-5

1. Família - Literatura infantojuvenil.
2. Deficiência física - Literatura infantojuvenil.
3. Novela infantojuvenil brasileira. I. Soud, Rogério, 1967-. II. Título. III. Série.

11-2066.

CDD 028.5

CDU 087.5

ISBN 978 85 08 14676-5

Código da obra CL 737977

CAE: 263064

2017

8ª edição, 3ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0XX11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Uma história entre mil

Quando fui jurada do **Prêmio Nestlé de Literatura** — categoria juvenil, recebi quase mil textos para ver qual deles merecia ganhar. Li e mais li. Quase fui ao desespero. Lembro que o *Aqui entre nós* me chamou a atenção na primeira leitura que fiz. Separei na pilha dos que mereciam uma releitura. Quando chegou a vez da peneirada, passou com destaque. Era um **texto sensível**, bonito, bem escrito. Foi pra outra pilha, junto com os melhores lidos. Reli outra vez quando já estava perto de dar o prêmio. Só confirmei as primeiras impressões. Ficou, na minha seleção, entre os três melhores. Li, de novo. Era, de longe, **o melhor**. Na reunião final, acabou ganhando o prêmio. Mercedíssimo.

Quando abriram o envelope pra se saber qual era o nome do vencedor, vibrei. (Só conhecia o pseudônimo.) Há muito tempo acompanhava a carreira bonita de **Márcia Leite**. Palmas para ela. Fiquei superfeliz por ela estar recebendo o título de a melhor da categoria juvenil. **Maior talento!**

O livro conta a relação entre **dois irmãos**, separados pelo Oceano Atlântico. Um mora em Londres, outro em São Paulo. Um se chama Luís; outro, Paulo. **Um é estrangeiro** num país que não é seu. **Outro é deficiente físico**. Os dois se buscando como gente, tentando conquistar novos espaços, ampliando seus movimentos, querendo crescer. Os dois dividindo emoções, ternuras, pequenas conquistas do dia a dia, perdas, espantos, risos e raivas. Os dois com saudades. Os dois com um profundo bem-querer. Um pelo outro.

Não perca!

- *A história de companheirismo e amor entre dois irmãos.*
- *Os desafios enfrentados por um deficiente físico.*



Um livro lindo! Bem escrito, delicado, tocando nas feridas, não temendo as dores, os temores, a solidão, as invejas, a afeição. Um livro sensível, que vai no ponto certo de cada emoção. Um livro triste e humano, ampliador e **profundamente terno**. Uma beleza! Você vai adorar conhecer Paulo e Luís e suas cartas de verdade. Vá inteiro, dum fôlego só. Você vai se arrepiar, como eu me arrepiei. Boniteza sem tamanho!!!

Fanny Abramovich



Para Filipe, Júlia e Mariana, aqui entre nós.

Só é meu
O país que trago dentro da alma.
Entro nele sem passaporte
Como em minha casa.
Ele vê a minha tristeza
E a minha solidão.
Me acalanta. Me cobre com uma pedra
perfumada.
Dentro de mim florescem jardins.
[...]
Só é meu
O mundo que trago dentro da alma.

Um poema de Chagall
Tradução de Manuel Bandeira

Cachorrão,

É, não aguentei. E você já sabia disso, não? O endereço esperando por mim sobre o traveseiro, apesar da minha insistência para receber primeiro uma carta sua. Você sabia... E não aguentei mesmo, e daí? Daí que eu precisava desabafar de alguma maneira a nossa volta do aeroporto, porque, Paulão, foi só um pouquinho melhor do que se a gente estivesse voltando do seu enterro. O nosso abraço, o seu olhar, a sua malha cor de vinho se afastando de nós, e ela era minha... lembra? Mas ficava tão grande! Nunca mais, tenho certeza, vou me separar dessa imagem. Você olhou pra trás apenas uma vez. Eu queria saber como lidar com esse sentimento todo de quem se despede e de quem fica. Eu vi, por exemplo, que todos sorriam a nossa volta, mas com uma cara, Paulão, de que por dentro choravam. Eu não consegui nem rir, nem chorar, ao contrário da mãe, que fazia tudo ao mesmo tempo. O último abraço, antes de o perdermos de vista, já tinha gosto de saudade. Estava feliz por você, ainda estou, mas naquela hora, não sei por quê, só conseguia pensar em mim. Em mim sem você. Eu nunca soube o que era isso. E, ai, que vontade me deu de ver o avião decolar! Precisávamos vê-lo planando no ar para acreditar que voltaríamos mesmo sozinhos para casa. Então a mãe me conduziu até a lanchonete, único lugar de onde conseguimos identificar a bandeirinha vermelha e azul num dos aviões. Tinha que ser o seu, só podia ser o seu... Ventava frio, dava pra ver. Ventava assim dentro de nós também, Paulão, e o avião lá, firme, não dando mostras de querer partir. Quem sabe

esperasse a permissão da torre, quem sabe o aval da Rainha pra levar meu irmão pra longe de nós. Mas então ele acordou de repente, se acendeu todo, se virou, se mexeu e, saco, não deu pra ver mais nada. Deve ter se aquietado lá no céu, o que é da sua natureza. Não foi assim que você me ensinou? A aceitar a natureza dos homens e das coisas? E se a do avião é voar, a sua foi partir e a minha, droga, ficar. Não, não estou sendo pessimista, não. É a realidade. Adoro essa palavra: realidade, realidade. Quem sabe, repetindo algumas vezes, eu me acostume à realidade de não tê-lo pra sempre por perto de mim. Dezesseis anos segurando a sua mão, não era pra ficar acostumado, diz a verdade? No estacionamento, mano, antes de dobrar a cadeira de rodas, a mãe olhou bem fundo nos meus olhos, daquele jeito que ela costuma fazer quando vai dizer alguma coisa muito séria, dessas que não quer repetir. Me deu o empurrão necessário. Tão forte esse empurrão, cão, tão forte, que bateu na hora a vontade de escrever pra você.

